



O conflito religioso no século V por meio de duas visões paralelas – O saque de Roma, de 410 d.C., em duas obras literárias: *De Reditu suo*, de Rutilio Namaziano, e *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho

Religious conflict in the fifth century through two parallel views – The sack of Rome in 410 AD in two literary works:

***De Reditu suo* of Rutilio Namaziano and *The City of God*, of St. Augustine**

Lilian Regina Gonçalves DINIZ¹

Recebido no dia 23-07-2011

Resumo: O artigo pretende analisar o evento conhecido como o Saque de Roma, ocorrido no ano 410 d. C., por meio de duas obras contemporâneas a este evento: *O Retorno*, do poeta pagão Rutilio Namaziano, e *A cidade de Deus*, do bispo Agostinho de Hipona. A escolha destes autores deu-se pela intenção de fazer um paralelo religioso, em certa medida ilustrativo do ambiente de conflito teológico então vigente. Apresentar-se-á, inicialmente, o contexto histórico anterior ao período em questão, conhecido como Antiguidade Tardia. Serão exibidos seus problemas políticos, sociais, econômicos e militares com o objetivo de entender o conflito religioso causado pela ascensão do cristianismo e consequente decadência do paganismo. É importante ressaltar que este artigo não tem a intenção de ser um tratado teológico ou literário acerca das obras aqui tratadas. É somente um vislumbre histórico e superficial de um período extremamente vasto e rico para ser tratado em poucas páginas.

Abstract: This article wants to analyze the event known as The Sack of Rome, occurred on 410 DC, using two contemporary works: *De Reditu Sui*, of the pagan poet Rutilio Namaziano and *The City of God*, written by the bishop Augustine from Hipona. The choice of these authors aimed to draw a religious parallel that illustrates the theological conflict that existed in that time. It will be initially presented the historical context preceding the period in question, known as Late Antiquity. Will be presented the political, social, economic and military questions, in order to understand the religious and social conflict caused by the rise of Christianity and the consequent decline of paganism. Is important to remember that this article is not intended to be a theological or literary thesis about the works that we are studying here. It is only a superficial historical view of an extremely wide and rich period, too complex to be treated in a few pages.

¹ Mestranda em *Scienze Storiche* da Università degli Studi di Bologna (Italia). E-mail: lilianrgd@gmail.com.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia – Saque de Roma – Paganismo – Cristianismo – Conflito Religioso.

Keywords: Late Antiquity – Sack of Rome – Paganism – Christianity – Theological conflict.

O Contexto Histórico

Já durante o reinado de Marco Aurélio e, de maneira mais evidente no reinado de seu filho Cômodo (180-192 d. C.), o Império vinha mostrando traços de decadência e crise. Na esfera política, vemos os militares sobrepondo-se aos senadores no poder, devido à crescente importância do exército, em um período caracterizado por grandes conflitos dentro e fora do Império. Em âmbito econômico, vemos a decadência das cidades, causada pela desvalorização da moeda. Além disso, podemos acrescentar a esse contexto uma crise moral, quando se vê a difusão da descrença nos valores tradicionais.

Essa crise se prolonga no século III, e dois podem ser os elementos que contribuíram para o seu crescimento: o exército no interior e os bárbaros às margens do Império. Com a crescente importância do exército no contexto das invasões, esta instituição vê aumentar seu poder, permitindo-se nomear imperadores saídos de suas fileiras. Em contraposição ao exército, estão as estirpes bárbaras, cada vez mais ousadas em seus assédios às fronteiras imperiais. Dessa maneira, tornou-se extremamente importante a manutenção do exército com o propósito de defesa daqueles limites. Conservá-lo, todavia, mostrou-se extremamente oneroso. Para prover os soldados, a carga fiscal é aumentada, exaurindo a população, sempre mais empobrecida.

É então que vemos vacilar a moral e a crença na tradição e religião romanas, e neste cenário, assistimos à ascensão do cristianismo. Esta religião oferecia as respostas e o conforto para as angústias do momento, de modo que o século III se mostrou decisivo para o crescimento da religião de fundo cristão.

Neste período de crise, caracterizado por uma grande violência e instabilidade política, é que se dá a ascensão de diversos imperadores escolhidos entre líderes militares. O último desses imperadores proclamado pelos exércitos é Diocleciano, o qual governou por cerca de vinte anos (284-305 d. C), conseguindo reorganizar o estado romano e criar as condições de sua sobrevivência.² É ele o criador da chamada Tetrarquia, um sistema de governo que não só contribuiu para a reorganização do poder político romano, como instituiu uma divisão política (embora não oficial) do Império em Ocidente e Oriente, a fim de facilitar a gestão de uma potência que alcançava limites já grandes demais até para si mesma.

A estabilidade política instaurada por Diocleciano, porém, não dura tanto. A sucessão dos primeiros tetrarcas começa a mostrar problemas, culminando

² GERACI, G. E MARCONE, A. *Storia romana*, Bologna, Le mounier, 2008, p. 232.

com a ascensão de Constantino em 306 d. C. e seu consequente domínio único, que perdurou até o ano 337 d. C. Este período é caracterizado pelo gradual direcionamento do centro de poder em direção ao Oriente, com a inauguração, em 320 d. C., da nova capital, Constantinopla. Além disso, com a conversão do Imperador ao cristianismo, vemos a ascensão desta religião em contraposição aos cultos pagãos, que começavam a cair em desuso e até mesmo ser duramente perseguidos.

É este período tumultuado, compreendido entre os séculos III e IV, que conhecemos como Antiguidade Tardia, um conceito inaugurado por Gibbon em 1788. O período vai do governo de Constantino até as invasões, de acordo com grande parte da historiografia contemporânea. Durante muito tempo, este período foi entendido como de decadência, mas atualmente seu conceito é muito diferente. À luz dos novos estudos, o recorte temporal, hoje chamado Antiguidade Tardia, compreende o século IV estendendo-se até final do século V. É percebido como berço de muitas transformações sociais e culturais, com especial destaque para o crescimento e afirmação do cristianismo como religião oficial do Império. É neste momento também que vemos a reconfiguração da estrutura imperial, na qual a manutenção da burocracia e do exército cria um encargo oneroso sobre as costas da população. Concomitantemente, a chamada corte imperial se transforma em uma organização repleta de cerimoniais ao redor da figura do imperador.

A morte de Teodósio I (395 d. C.) foi o marco decisivo do Império Romano, pois o poder foi dividido entre seus dois filhos, Arcádio e Onório, mutilando territorialmente o Império. Não eram somente dois imperadores, mas duas cortes, duas administrações e dois exércitos, todos autônomos entre si. O resultado foi particularmente desfavorável ao Ocidente, visto que, depois da derrota e expulsão dos Godos do Oriente, esta porção do Império se isolou em si mesma, deixando o já desgastado e fraco Ocidente à mercê dos bárbaros.

Os povos bárbaros

A palavra *barbarus* tem origem grega e designa genericamente o estrangeiro, aquele que fala uma língua incompreensível. Em Roma, esta palavra estendeu-se conotativamente a tudo aquilo considerado primitivo e hostil, carregando um significado cada vez mais negativo.

No século III, com os constantes conflitos pelo poder imperial, as fronteiras do Reno e do Danúbio encontravam-se mal fortificadas, o que permitiu algumas incursões bárbaras dentro do Império através deste ponto. A primeira

grande onda migratória, que envolveu um grande número de estirpes, ocorreu no final do século IV e se estendeu por uma ampla área, que ia do mar Cáspio até a extremidade ocidental do continente europeu, com investidas até mesmo na África setentrional.³ Tal onda migratória tem no avanço dos Hunos sua origem, com este povo empurrando as estirpes dos Ostrogodos na Rússia em direção ao Império. No meio do caminho, no entanto, encontraram os Visigodos, com os quais se associaram. Em 370 d. C., pediram autorização ao então imperador do Ocidente, Valente, para atravessarem o Danúbio. Mas, uma vez atravessado este rio, não pararam, rumando às ricas províncias do Mediterrâneo, saqueando e destruindo. A debilidade política e militar deixava espaço aos bárbaros para que continuassem em busca de seus objetivos conquistadores.⁴

Falemos um pouco sobre a migração para o ocidente, no século IV, deste povo bárbaro chamado Tervingios e que, mais tarde, serão chamados Visigodos, Ostrogodos e Godos. Ainda no século III, esse povo efetuava ataques às províncias romanas, partindo de suas bases ao norte do Mar Negro e, no século seguinte, já controlava vastas regiões entre o mar e o Danúbio. Eles também serviam aos exércitos romanos e, por esse motivo, foram convertidos ao cristianismo. Posteriormente, são obrigados pelos Hunos, que vinham movimentando-se em direção ao sul e ao oeste, a deixar suas terras.

A permissão de entrar no Império, concedida pelo imperador Valente, previa o recebimento de tributos de Roma e a condição de servirem ao exército como tropas auxiliares. Na Trácia, onde estavam instalados, os Godos se rebelaram contra os maus tratos estabelecidos pelos romanos e contra eles foi enviado um exército gigantesco em agosto de 378 d. C. em Adrianópolis.

Assim, os Godos se instalam na Bulgária, expulsando os antigos moradores e ali fixando suas moradias. Sob o governo de Alarico, eles seriam “aventureiros, piratas de terra firme”⁵, que eram incentivados por seu rei a conquistar outros reinos, ao invés de se submeter.

O saque de Roma

No final do quarto século, os Impérios do Oriente e do Ocidente estavam constantemente combatendo entre si por interesses divergentes. Um deles era a Península Balcânica ou Ilíria, território disputado por ambas as partes. Este fato beneficiava aos bárbaros, que aproveitavam-se da contenda para jogar um

³ AZZARA, C., *Le invasioni barbariche*. Bologna: Il Mulino, 2000. p. 54.

⁴ AZZARA, C., *op. cit.*, p.56.

⁵ VEYNE, P. *La prise de Rome par Alaric*, In *Metis I*, Daedalus, Paris, 2003, p. 203.

governo contra o outro. Na tentativa de fazer frente ao Império Ocidental, o Imperador do Oriente nomeou o rei gótico Alarico chefe militar da região em disputa, em 398 d. C. Alarico se tornou um dos homens mais importantes do Império e se viu à frente de uma de suas quatro zonas militares. Logo os romanos perceberam que ele, na verdade, tinha como intuito se apoderar da Itália. Alarico achava que poderia usar a cidade de Roma como barganha, tentando arrancar dos romanos o que quisesse, em troca de não ameaçar a Cidade Eterna.

O então Imperador Onório decide não ceder às ameaças de Alarico. Protegido em Ravena, o Imperador decide sacrificar Roma, e com as negociações não andando a seu favor, Alarico invade a cidade na noite de 24 de agosto de 410 d. C., saqueando-a por três dias. Durante esses dias, centenas de pessoas foram mortas ou feitas prisioneiras. A irmã de Onório, Gala Placídia, foi pega como refém. Alarico decide se casar com ela para assim desfrutar dos benefícios de fazer parte da realeza. Após o saque na cidade de Roma, os Godos avançam em direção ao sul. Presume-se que seu objetivo tenha sido chegar à Sicília e, deste ponto, atravessar para as férteis terras da África. Porém, a morte de Alarico põe fim à bem sucedida empreitada deste povo na Itália.

O saque de Roma ocorreu porque faltavam tropas ao Império que pudessem proteger a cidade. O Imperador Onório, diferente de seus predecessores, não ia à frente do exército, mas mantinha-se em seu palácio protegido, de modo que suas tropas não podiam se afastar muito. O escritor e padre Paulo Orósio aprova esta política, mas não podemos dizer se sua opinião representa aquela da maioria. Não se sabe se está relacionada com a política pacifista cristã ou se, na verdade, os imperadores estavam mais preocupados com os usurpadores do que com as ameaças bárbaras. O importante era proteger o poder a qualquer custo.

O saque de 410 d. C. foi recebido pelo Império do Oriente com indiferença, como uma má sorte. Para a corte ocidental, o saque de Roma tinha sido um mau momento a passar, mas se acreditava que o problema dos Godos tinha sido resolvido. Por volta de 418 d. C., o poeta pagão Rutilio Namaziano celebra em versos emocionados o universalismo da civilização romana que, prometida à eternidade, viria ainda uma vez se erguer de seus problemas.⁶ Esta esperança ou ilusão não terminará, pois se percebe que as visões deste evento, ainda que de pontos de vista diferentes, convergem no fato de achar que Roma não havia sofrido um golpe decisivo e que poderia se reerguer no

⁶ VEYNE, P. *op. cit.*, p. 214.

futuro.

Este evento em particular foi um drama humano, não uma catástrofe política com consequências duráveis. Mas o choque foi profundo quando a notícia se espalhou pelo Império. Segundo São Jerônimo “a luz mais brilhante da terra se apagou, a Terra inteira pereceu com esta única cidade”.⁷

A opinião pagã fazia recair a culpa sobre os cristãos, pois eles acreditavam que todos os males públicos que se sucediam eram devidos ao abandono dos cultos antigos. Roma caiu por esse motivo e o deus cristão não havia sido capaz de salvá-la. O argumento pagão em verdade soa muito político, pois, para estes, era interessante manter o *status quo*, manter a estrutura política como sempre foi, com os praticantes desta religião nos altos poderes do Estado. Já os cristãos atribuíam a culpa aos vícios pagãos que, depois de séculos de cultos obscenos, deveriam ser punidos por seus pecados. Estes são argumentos religiosos e não políticos, mas que também pretendem desmoralizar o adversário para mostrar superioridade. São estas interpretações tão divergentes que serão analisadas a seguir.

Porém, antes de deter-nos nos pontos de vista pagão e cristão para este evento, cabe uma reflexão acerca do que seria propriamente a oposição entre estas duas religiões.

É extremamente digna de nota a rapidez com que a Igreja passou de perseguida a perseguidora durante o século IV. Somente uma geração depois de Constantino ter vencido o usurpador Masêncio, em 312 d. C., seu filho Constante proclamava um édito que proibia os sacrifícios (341 d. C.). O governo de Teodósio I foi marcante para o Império, pois assinalou o início da decadência ocidental e do crescimento oriental. Este Imperador também teve uma relevância muito grande na questão do conflito entre paganismo e cristianismo por meio de leis por ele promulgadas. Durante todo o seu governo, este Imperador demonstrou um particular interesse pela religião e, depois de encontrar perdão para seus pecados e tranquilidade para seu espírito, no ano de 380 d. C., promulga um édito pelo qual eleva a religião cristã à religião oficial do Império. Em 381 d. C., o Imperador convoca um concílio em Constantinopla, lançando a constituição imperial que, entre outras coisas, proibia a consulta de oráculos, a frequência a templos e a celebração de cultos diurnos ou noturnos. Quem ousasse transgredir essa regra seria condenado ao sequestro de seus bens. No ano seguinte, outro decreto permitia o acesso aos templos que possuísem estátuas ou obras de arte e essa

⁷ VEYNE, P., *op. cit.*, p. 215.

permissão tinha o sentido puramente artístico e “museológico”.⁸ Sendo assim, o acesso aos templos era proibido enquanto lugar de culto. Ainda em um contexto extremamente anti-pagão, Teodósio promulga, em 391 d. C., uma lei que proíbe qualquer tipo de culto pagão em qualquer categoria social. Em 429 d. C., com a promulgação do Código Teodosiano, essas medidas foram mantidas e reforçadas e as penas tornaram-se mais duras, podendo ser punido com a pena capital aquele que ousasse transgredir uma dessas leis.

Mas estas medidas suscitaram uma reação pagã em Roma, quando os senadores desta cidade proclamaram um imperador usurpador, Eugênio, em 392 d. C., que logo foi derrotado pelos exércitos de Teodósio. Sabe-se que a resistência pagã sempre foi discreta e nunca muito forte, mas é importante lembrar que ela existia e que a imposição e perseguição cristãs não foram passivamente aceitas por aqueles que professavam os cultos pagãos há algumas centenas de anos. Essas leis só vinham agravar o ambiente de conflito e perseguição sofridos pelos pagãos.

Acredita-se que os protestos pagãos se relacionavam mais com motivos políticos do que propriamente religiosos, pois “a insistência dos pagãos em reclamar a publicidade, legalidade e oficialidade de seus rituais e sacerdotes representa uma contestação não tanto da religião cristã dominante, quanto mais ainda das leis emanadas dos imperadores cristãos, os quais, enquanto proíbem os cultos e os ritos pagãos, punem severamente aqueles que os praticam e os empurra a uma condição de ilegalidade”.⁹ Aos pagãos restava professarem seus cultos de maneira privada e clandestina, o que permitiu a discreta sobrevivência da religião no Império ainda além do século V.

Já no terceiro e principalmente no quarto século, a luta principal entre paganismo e cristianismo se manifesta em relação aos bárbaros. Com a introdução destes povos no Império, o conflito religioso mudou de aspecto, e sua disputa mais crucial passou a ser a de qual lado seria mais capaz de lidar com os invasores. Domar os bárbaros era para a Igreja a segunda missão depois de expulsar os demônios, que podemos metaforicamente associar aos pagãos. Era a oportunidade do cristianismo de mostrar-se superior ao paganismo neste aspecto: aumentar os números de fiéis em as suas fileiras.

Para um pagão culto, os bárbaros representavam um perigo, um pesadelo, uma ameaça ao Império. Os cristãos, pelo contrário, viam nos bárbaros uma

⁸ BURGARELLA, F. *Pagani e cristiani tra IV e V secolo a Costantinopoli*. In *Pagani e cristiani da Giuliano l'Apostata al sacco di Roma*, Rubbettino, Messina, 1995, p. 188.

⁹ BURGARELLA, F., *op. cit.*, p. 190.

possibilidade de salvar mais almas e assim angariar mais adeptos à sua religião. “De fato, no Ocidente, a Igreja substituiu pouco a pouco o Estado no que diz respeito ao trato com os bárbaros. No Oriente, por outro lado, a Igreja se deu conta de que o Estado romano era muito mais vital e o apoiou na luta contra os mesmos. No Ocidente, depois de haver enfraquecido o Estado romano, a Igreja aceitou seu desaparecimento e desenvolveu independentemente sua obra de civilização dos bárbaros. No Oriente, a Igreja acabou quase que se identificando com o Estado romano de Constantinopla”.¹⁰ Veremos adiante como esta diferença de visões encontra-se perfeitamente de acordo com a maneira como cada um dos lados interpretou o saque de Roma.

Isso significa que a Igreja ocidental foi durante muito tempo o poder predominante, o que atesta a crença de que o poder imperial nesta região já há muito tempo não desempenhava um poder ativo. Dessa maneira, o cristianismo tomou para si as obrigações de não somente guiar as almas ao caminho justo, mas também cuidar daqueles mais necessitados, provendo-lhes educação e cuidados, visto que já não era mais o Estado capaz de assim os prover. Está então na figura do monge e do bispo o ideal do novo líder, do guia espiritual e cada vez mais, do guia político neste período da Antiguidade tardia. É interessante notar como, então, a sociedade vê a ascensão de novos e importantes personagens, como o monge, mas também a mulher e o homem santos¹¹. Este último na figura dos eremitas, e as mulheres que, após a conversão, dedicam-se ao ascetismo e à caridade em um papel de exposição social jamais visto antes.

A produção literária e as fontes

Embora se saiba que o cristianismo em diversos aspectos prevalecia sobre o paganismo, em relação à educação e intelectualidade seus membros deixavam muito a desejar. Depois de Constantino, percebe-se que a produção literária cristã encontra-se em um gradual processo de assimilação das formas literárias tradicionais¹², a fim de melhorar o conteúdo e a forma de suas próprias obras. Inicialmente, a religião cristã se mostra muito radical no sentido de não aceitar absolutamente nada daquilo que provém do paganismo. Por outro lado, os adeptos dessa crença imaginavam que abandonar sua religião seria abandonar todos os elementos da cultura clássica (como a filosofia) e, mais tarde, a

¹⁰ MOMIGLIANO, A. *Il cristianesimo e la decadenza dell'Impero romano*, In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*, Einaudi, Torino, 1968, p. 18.

¹¹ GERACI, G. e MARCONE, A., *op. cit.*, p. 243.

¹² CONSOLINO, F. E. *Pagani, cristiani e produzione letteraria latina da Giuliano L'Apostata al sacco di Roma* In *Pagani e cristiani da Giuliano l'Apostata al sacco di Roma*, Rubbettino, Messina, 1995, p. 312.

própria Igreja se convenceu de que alguns elementos pagãos não eram tão nocivos; pelo contrário, poderiam ser aliados à sua própria crença cristã de modo a enriquecê-la. A literatura cristã, então, se apropriou desses estilos, modificando-os, mas sem provocar uma ruptura brutal. Em linhas gerais, pode-se dizer que os cristãos do Ocidente não demonstraram objeção para com as formas de arte pagãs.

Houve um tempo em que era difícil encontrar traduções em grego da bíblia e os pagãos dificilmente a leram, pois o grego no qual era escrita “não era elegante o suficiente”.¹³ Os pagãos não conheciam nada da história cristã ou hebraica. Somente com a conversão a uma dessas religiões é que se alcançava este conhecimento. No entanto, não se podia simplesmente suprimir a história na qual os pagãos estavam acostumados a crer. A historiografia cristã, então, teve de encontrar lugar para os acontecimentos pagãos dentro da história hebraico-cristã. Quanto às diferenças principais entre estes dois tipos de historiografia, podemos perceber que aquela cristã se dedicava, sobretudo, às cronologias, além de ser construída com base na crença do milênio. Já os pagãos deparavam-se com outros problemas no que diz respeito à construção de sua história. Mais do que as coisas supremas, eles estavam preocupados em manter viva a história de Roma.

Os livros cristãos, sejam aqueles chamados cronografias ou os *breviaria* (breves histórias, cuja origem do formato é pagã), tinham por objetivo passar uma mensagem, ao passo que os livros pagãos, em sua maioria, visavam outros fins, como a narração de histórias míticas, por exemplo. Dessa forma, os cristãos podiam facilmente se apropriar dos escritos pagãos, somente acrescentando algumas passagens de cunho religioso e introduzindo uma mensagem edificante. Para acontecer o inverso era muito difícil. Não se viu um pagão apropriar-se de um texto cristão durante esse período. “Os cristãos inventaram a história eclesiástica e a biografia dos santos, mas não procuraram fazer cristã a história política tradicional e influíram na biografia normal menos do que se poderia esperar”.¹⁴ Os pagãos permaneceram, desta forma, mestres da historiografia tradicional. Durante o quarto século, nenhuma tentativa cristã de adaptar autores como Tucídides ou Tácito foi empreendida. A historiografia política e militar permanece essencialmente pagã.

Eusébio de Cesareia (265-339 d. C.) foi o historiador cristão que inovou a maneira de escrever desta religião. Ele construiu sua história dando ênfase aos

¹³ MOMIGLIANO, A. *Storiografia pagana e cristiana nel secolo IV dC*. In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*. Einaudi, Torino. 1968, p. 94.

¹⁴ *Ibidem*, p. 100.

documentos e traçando os fatos como uma luta do bem (Deus) contra o mal (Diabo). Ele mostrava a importância da perseguição contra as heresias e a vitória de Cristo sobre o paganismo. Eusébio serviu de modelo aos seus contemporâneos, que usavam basicamente o mesmo método que ele, com bem poucas alterações. O interesse de Eusébio pelos documentos era uma novidade, visto que os autores pagãos preferiam mais dar vazão às suas próprias mentes ao invés de empreenderem uma criteriosa busca de documentos. Mas, se por um lado este autor criou a história eclesiástica, por outro se manteve afastado da história política, de modo que ainda eram os pagãos a principal fonte deste tipo de acontecimento.¹⁵

Ainda neste período, vemos a criação do gênero hagiográfico, que trata da vida dos santos. Este gênero introduz um novo personagem que, para os cristãos, era equivalente ao “herói” pagão. Para estes, heróis eram personagens como Hércules, Alexandre Magno ou Ulisses. Para os cristãos, este papel de homem perfeito passa a ser dos homens santos.

Sobre as características da historiografia pagã deste período se pode dizer que “(...) os verdadeiros e próprios pagãos do século IV encontravam a maior satisfação não em escrever história nova, mas em copiar histórias já existentes, em procurar resolver problemas de erudição, em escrever comentários sobre Virgílio e outros autores clássicos, em ler e escrever poesia com o espírito pagão”.¹⁶ Talvez por esse motivo possamos explicar porque a historiografia cristã prevaleceu, não somente porque esta religião se espalhou por todo o Império, mas porque seu modo de escrever servia mais aos propósitos descritivos e de natureza linear que interessavam à Igreja e àquilo que ela buscava pregar.

Rutilio Namaziano é um ótimo exemplo do espírito literário pagão acima mencionado. Este autor do início do século V escreve um poema que se tornaria célebre. *De Reditu suo*, a obra que escolhi como referência pagã, contém todos os elementos que são particulares ao tipo de literatura deste período: cita os clássicos, devaneia sobre si mesma, baseia-se em um gênero já conhecido que seria a epopeia e, além de tudo, é uma poesia. Além disso, o autor comenta as consequências do saque de Roma, o evento que aqui será analisado, tornando-o uma escolha muito fortuita.

Para o confronto com a fonte pagã, escolhi como fonte cristã o bispo Santo Agostinho, o qual foge um pouco das definições, principalmente porque não

¹⁵ *Ibidem*, p. 103.

¹⁶ MOMIGLIANO, A., *op. cit.*, p. 109.

escreve história. Sua literatura se aproxima mais da teologia e da filosofia do que da descrição histórica.

Rutilio Namaziano – *De reditu suo*

De reditu suo ou *O retorno*, de Rutilio Namaziano, será a fonte de referência aqui usada para a concepção pagã do saque de Roma de 410 d. C.

O retorno, como sugere o título, fala da viagem do autor de volta à sua terra natal, a Gália. É construído como um poema e alguns trechos, como versos do início e os versos finais, perderam-se parcial ou totalmente. Na maior parte do poema, vemos o autor descrever as terras por onde passou e suas impressões acerca de pessoas e lugares. Muitas vezes, é possível perceber em sua escrita a influência religiosa, quando ele fala dos deuses e seu papel nas ações humanas. O traço que mais nos interessa e impressiona é o amor de Namaziano por Roma e a sua dor em deixar tão glorioso império.

O poema de Namaziano é considerado a última obra da literatura latina pagã que chegou até os dias de hoje. Num inverno entre os anos 415 e 417 d. C. (não se sabe ao certo), ele retorna à sua terra natal, a Gália, após a devastação das invasões bárbaras para reconstruir seu patrimônio. O poema *De reditu suo* (um título que possivelmente não é o original) é composto de aproximadamente 700 versos, divididos em dois livros, e aborda o início de sua viagem feita por via marítima.¹⁷

Sobre a vida do autor pouco se sabe, a não ser aquilo que ele mesmo nos conta. Sabemos que seu pai Lacanio foi um importante político e governador na região de Pisa, como ele descreve em versos ao passar por esta região. Sabemos ainda que sua família era grande possuidora de terras na Gália e que se transferiu para a Itália quando seu pai foi nomeado governador da Toscana e da Úmbria. Ele teria nascido por volta dos anos 70 do século V e certamente obteve uma educação tradicional. É conhecido o fato de que desempenhou o cargo de *praefectus urbi* (prefeito) da cidade de Roma, um cargo desde sempre possuidor de muito prestígio. Fez também parte do Senado romano, inclusive como seu presidente.

Seu poema nos fornece uma das provas de que ele compartilha de uma personalidade pagã aristocrática, que é seu elogio à Deusa Roma, um culto nada popular e de características extremamente políticas e eruditas.¹⁸ Vemos

¹⁷ PASCHOUD, F. *Roma Aeterna*, Institut Suisse de Rome, 1967, p. 157.

¹⁸ *Idem*.

um exemplo deste tratamento de cunho quase religioso na seguinte passagem: “É tempo demais venerar Roma por toda uma vida? / Nunca dura por tempo demais aquilo a que se ama sem cessar”.¹⁹

Este trecho nos mostra como Roma, mais do que uma cidade, é também objeto de veneração, o que será muito importante para a compreensão do ponto de vista e interpretação deste autor para a tomada da cidade.

Para esta pesquisa, Namaziano se mostra crucial, pois fornece um dos poucos, senão o único ponto de vista direto e fiel aos fatos que narra e que nos interessam de maneira particular: o saque da Cidade Eterna em 410 d. C. e os conflitos sociais e religiosos que assolavam o Império neste momento. Além disso, vemos neste autor uma personalidade bastante complexa e percebemos que possui um comportamento social típico da camada à qual pertence.

Nos primeiros versos de seu poema, o autor explica por que deve deixar Roma (que para ele é a cidade perfeita) para voltar à Gália, sua terra natal, e ajudar seus concidadãos onde as terras foram destruídas pelos bárbaros. Ele afirma ser este um retorno repentino e precipitado, não obstante o fato de não voltar à Gália há muitos anos. Para ele, o quanto tarde seja, será sempre precipitado deixar o esplendor de Roma. Ele escolhe a viagem por mar e justifica sua escolha, pois por terra seria impossível depois que os Godos devastaram a Toscana. Na verdade, é possível que o autor tenha escolhido essa modalidade de viagem não por ser menos perigosa, mas porque seu ritmo se assemelhava ao de um turista, fazendo longas paradas, hospedando-se em casa de amigos e desfrutando de caças e outros entretenimentos enquanto uma tempestade passava ou por simples prazer. “Seu deslocamento parece mais uma viagem de prazer de um grande senhor do que um retorno inquieto de um homem influente que vai socorrer seus concidadãos”.²⁰

Depois de se justificar, Rutilio parte para o trecho mais famoso de sua obra que é o chamado Elogio a Roma. Nestes versos, sua última homenagem à cidade que tanto ama, Namaziano se posta à soleira de Roma e elogia suas belezas, a perfeição de suas instituições, de seus monumentos, templos e aquedutos. Aqui vemos o quanto nosso autor exalta a capacidade desta cidade de receber a todos sem discriminação, além de oferecer pátria e justiça aos povos conquistados:

¹⁹ NAMAZIANO, R. *Il Ritorno*. Giulio Einaudi Editore. Torino, 1992. Livro I, versos 3-4.

²³ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 157.

²⁰ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 158.

Fez de pessoas diversas uma só pátria,
a tua conquista ajudou a quem vivia sem leis:
oferecendo aos vencidos a união no teu direito
fizeste do globo dividido uma única Urbe.²¹

O direito romano é o mais bem elaborado e executado e suas guerras são sempre justas. Além disso, elogia também a universalidade desta cidade, sua capacidade de unir força e sabedoria. Finalmente, exalta sua juventude sempre renovada, além da capacidade de superar as mais difíceis provações.

Após o *Elogio*, Namaziano começa a descrever a paisagem que vai avistando. Uma das localidades que visita é a ilha de Giglio, no litoral da Toscana. O autor se dedica a louvar sua glória na importante resistência aos Godos. Possivelmente, o autor se referia ao ataque deste povo a Roma em 410 d. C., visto todo o conteúdo da obra que nos atesta ser este o evento sobre o qual se lamenta tanto em seu *Elogio* quanto em outras passagens que veremos mais adiante. Assim, Namaziano elogia a coragem desta ilha que, além de resistir aos ataques bárbaros, também acolheu muitos romanos que escapavam de Roma: “Esta ilha acolheu os muitos fugitivos da Urbe destrozada: / Aqui para os refugiados, findo o temor, a salvação segura”.²² Assim a celebra Rutilio: “Parece incrível: um único porto permaneceu com dupla sorte / Tão perto dos Romanos e tão longe dos Godos”.²³

Vemos nestes versos sua primeira alusão mais direta ao saque de 410 d. C. Sabíamos já de sua posição quanto aos bárbaros e era de se supor que um homem tão fiel à Urbe se posicionaria de maneira apaixonada e ultrajada diante da desgraça que se abateu sobre Roma. Podemos atribuir esse mesmo tipo de pensamento somente à aristocracia ocidental pagã, que é a classe à qual pertencia nosso autor. Mas será possível supor que a parcela da população que professava a religião pagã, independentemente da classe social, compartilhava deste pensamento? Sabemos já que o culto à deusa Roma é de natureza essencialmente aristocrática, mas o amor pela cidade como símbolo de glória e prosperidade independe da classe social. É sobretudo pagão e talvez por isso possamos crer que a reação geral desta parcela da sociedade sofreu a mesma tristeza e ultraje sentidos por Namaziano.

Em várias passagens, Rutilio expressa suas opiniões pessoais que estão muito de acordo com as opiniões de um homem de sua época e de sua condição. Uma atitude típica da aristocracia senatorial deste período de invasões é o

²¹ NAMAZIANO, R. *op. cit.* 1, 63-66.

²² NAMAZIANO, R. *op. cit.* 1, 331-332.

²³ NAMAZIANO, R. *op. cit.* 1, 335-336.

egoísmo que apresenta, pensando e agindo sempre para a sua classe. Na passagem que se segue, vemos o poeta exprimir-se acerca dos monges e, neste trecho, observamos sua crítica declarada ao cristianismo. Ao falar dos monges da ilha de Capraia diz:

Avançando no mar já se vê elevar-se a Capraia,
Ilha em miséria por estar cheia de homens que fogem da luz.
De si com nome grego se definem ‘monges’,
por querer viver sós, sem testemunhas. (...)
Que insana fúria de um cérebro perturbado é esta:
temendo aos males, não suportam os bens?²⁴

O autor se mostra um pagão totalmente incompreensivo e hostil às manifestações de cristianismo. Para ele, é estúpido punir-se por crimes imaginários, que é como ele interpreta a autopenitência, prática muito difundida entre monges neste período.²⁵ A respeito de um jovem de boa família que decide converter-se ao cristianismo, nosso autor observa que esta religião possui um veneno capaz de transformar o coração dos homens. Namaziano apresenta uma aversão ao cristianismo completamente passional e simplesmente considera qualquer aspecto da nova fé como odioso e digno de repúdio.

Chegamos a outro ponto muito importante do *De Reditu suo*. Durante todo o seu percurso, Rutilio relata a existência de cidades destruídas ou diminuídas, a exemplo: “Castrum, semi destruída, resta apenas como sinal uma porta obsoleta”²⁶ ou “Gravisca, da qual se vêem somente os telhados dispersos”²⁷, ou ainda os muros arruinados da deserta *Cosa*.²⁸ Aqui temos os dramáticos versos acerca de Populônia:

Não se pode mais reconhecer os monumentos da época passada,
imensas arquibancadas foram consumidas pelo tempo voraz.
Restam somente rastros entre destroços e ruínas de muros,
Jazem tetos sepultos em vastos escombros.
Não nos indignemos que os corpos mortais se desintegram:
Eis que podem também as cidades morrerem.²⁹

²⁴ *Idem*, 1, 439-442, 445-446.

²⁵ PASCHOUD, F., *op. cit.* p. 160.

²⁶ NAMAZIANO, R., *op. cit.*, I, 228.

²⁷ *Idem*, I, 281.

²⁸ NAMAZIANO, R., *op. cit.*, I, 286.

²⁹ *Ibidem*, I, 409-414.

Seria leviano mesmo para Rutilio, que é um grande inimigo dos bárbaros, imaginar que esta destruição que se via por todo o Império ocidental, principalmente na Itália, vinha sendo causada exclusivamente pelas invasões que ocorridas neste período. Podemos incluí-lo na categoria dos aristocratas que atribuem à política dos imperadores cristãos a pobreza e abandono das províncias.³⁰

Enfim, se chega à conclusão desta obra. Sabemos então que Rutilio estava obcecado pela recente invasão de Roma, o que é possível observar em seu elogio à Ilha de Giglio. Também se pode constatar sua aversão ao cristianismo e aos bárbaros, o que nos leva a crer que, em resumo, para ele, a “culpa” pela destruição e queda de Roma teria sido definitivamente do cristianismo. De certa forma, o poema inteiro exprime de modo melancólico a ideia de “(...) que Rutilio está consciente da ameaça bárbara, que ele sabe das devastações que esta causou na Itália, que ele desaprova totalmente a política imperial, e que ele considera o cristianismo a raiz de todos os males que abalaram a sua existência e o obrigaram a deixar Roma e a empreender uma viagem onde cada etapa o lembra das causas de seu descontentamento”.³¹ A viagem de Rutilio, desta maneira, se assemelha mais a um exílio do que a um retorno, onde ele deixa para trás suas recordações mais nostálgicas e aquilo que tem de mais caro: a insubstituível e imortal Roma.

Santo Agostinho

O Bispo de Hipona, Santo Agostinho (395-430 d. C), será a fonte cristã de referência para o paralelo que buscamos. Agostinho é considerado um dos quatro grandes Pais da Igreja Latina. Nascido em Tagaste, na atual Argélia, era filho de pai pagão e mãe cristã. Durante muitos anos, não praticou a religião de sua mãe, dedicando-se às crenças neoplatônicas e maniqueístas. Converteu-se em 386 d. C., episódio que será narrado no livro *Confissões*. Ordenado bispo de Hipona em 395 d. C., atuou fervorosamente em disputas contra doutrinas tidas como heréticas, como o maniqueísmo (no qual havia crido no passado) e o donatismo.

Sua obra compreende cartas, sermões, tratados e o famoso *De civitas dei*, *A Cidade de Deus*, constituído de vinte e dois volumes escritos entre 413 e 426 d. C. De seus sermões, interessar-nos-ão aqueles que teriam sido proferidos entre os anos de 410 e 412 d.C., sendo, portanto, antes do início da elaboração de *Cidade de Deus* e imediatamente posteriores à chegada da notícia do cerco

³⁰ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 165.

³¹ *Ibidem*.

dos Godos. Isso significa que, em certos momentos, é possível vislumbrar algumas ideias que serão posteriormente desenvolvidas em sua obra monumental.

Agostinho, respondendo aos pagãos que atribuíam ao cristianismo a responsabilidade pelo saque e pela ruína do Império, decide escrever sua versão dos fatos e das responsabilidades. Sua obra destinava-se também àqueles que, recentemente convertidos, voltavam-se às suas antigas crenças sempre que sentiam necessidade. *A Cidade de Deus* trata da dicotomia entre a Igreja e Roma. Em ambas, são encontrados elementos comuns, mas a característica principal que as distingue é o fato de que a cidade terrena se construiu através do amor por si mesma, enquanto a cidade celeste, praticando o desprendimento de si, originou-se.

Vale lembrar que suas obras não serão aqui avaliadas exaustivamente. Este trabalho não pretende ser um estudo profundo e detalhado da obra de Santo Agostinho, pois a complexidade desta não poderia ser compreendida em tão breve artigo. Ainda, o tema principal deste trabalho não é o pensamento do Bispo de Hipona. O que nos interessa é somente seu ponto de vista como cristão e expoente da época no que diz respeito ao saque de Roma de 410 d. C., nosso tema principal.

Com a presença dos Godos ao redor de Roma, o fluxo migratório daqueles que escapavam da dominação bárbara foi muito grande e, pela proximidade geográfica, as províncias romanas na África receberam muitos desses refugiados (a cidade de Hipona está localizada na atual Argélia). Foi por meio deles que chegou a Agostinho a notícia de que a Cidade Eterna tinha caído. Esta notícia despertou as mais diversas opiniões. Os pagãos diziam que o deus cristão não tinha sido capaz de proteger a cidade e que a desgraça que se abateu sobre eles tinha sido um castigo dos deuses pelo abandono do culto pagão. Já os cristãos que associavam Roma ao Império sentiram-se traídos pelas promessas de que o cristianismo venceria a barbárie e os protegeria. Alguns desses se perguntavam se o fim do mundo estava próximo, já outros começavam a dar razão aos pagãos.

A resposta do Bispo a estes comentários foi imediata e fervorosa. De início, ele responde por meio dos Sermões proferidos para toda a comunidade, em que estavam presentes também aqueles que escaparam do cerco à cidade de Roma. Os sermões de Agostinho são basicamente divididos em duas partes, nas quais a primeira se dedica a conselhos a respeito da vida ascética e ao bom comportamento do verdadeiro cristão. Na segunda parte, são desenvolvidas ideias acerca da humildade dos cristãos, como a necessidade de se suportar as duras penas impostas pela vida em nome do bem maior que será encontrado

nos céus. O Bispo de Hipona usou esses argumentos na tentativa de convencer os fiéis que haviam perdido suas casas e seus pertences no saque de que as dificuldades pelas quais passavam faziam parte das provações que Deus enviava aos homens para testar sua fé. Os homens deveriam resignar-se à sua sorte, pois Deus havia guardado para a vida eterna as melhores recompensas.

Posteriormente, o Bispo parte para os comentários antipagãos, uma postura relativamente nova para ele. Ele diz que os deuses pagãos não foram capazes de salvar Tróia e estes mesmos deuses foram trazidos desta cidade até Roma por Enéias. Ao citar Virgílio, Agostinho expressa com certa ironia o fato de que os pagãos sabiam que os deuses tinham sido vencidos nesta batalha épica, mas ainda assim confiaram a eles a cidade de Roma:

E Roma, sabiamente confiada (que loucura!) a semelhantes protetores? (...) Quem não vê, depois de breve exame, como é fútil a presunção de ser invencível sob a tutela de defensores vencidos e de à perda de suas divindades atribuir a própria, quando, para perecer, basta haver querido protetores perecíveis?³²

Estes deuses faliram em sua pretensa missão e são somente figuras de pedra.³³ Além disso, critica os pagãos por sua hipocrisia, pois são eles que se colocam contra o cristianismo, mas quando os Godos invadiram a cidade, trataram de buscar refúgio dentro das igrejas. Destes pagãos, que o autor chama gentios, Agostinho fala neste trecho:

Não são esses adversários do nome de Jesus Cristo aqueles mesmos romanos que em nome de Jesus Cristo os bárbaros pouparam? Atestam-no as capelas dos mártires e as basílicas dos apóstolos, que em plena desolação de Roma abriram o seio a quantos, cristãos ou gentios, nele buscavam refúgio.³⁴

Adiante o bispo critica esses mesmos pagãos que acreditavam ser o cristianismo a causa das infelicidades que acometiam o Império, mas que, no momento de perigo, buscaram refúgio junto ao cristianismo: “Assim escapou à morte a maioria destes caluniadores de nossa era cristã, que atribuem ao Cristo os males que Roma sofreu (...)”.³⁵

Na verdade, Agostinho repudia o que, para ele, seria somente uma ideia. Diz que a cidade foi destruída, mas os romanos foram salvos e Roma, na verdade,

³² AGOSTINHO, *A cidade de Deus*, I, 3.

³³ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 240.

³⁴ AGOSTINHO, *A cidade de Deus*, I, 1.

³⁵ *Ibidem*, I, 1.

não é nada sem os romanos. Roma é uma ideia inventada pelos pagãos.³⁶

Depois do saque, o sentimento cristão começava a vacilar e as palavras de Agostinho, destinadas a essas pessoas inseguras, deram-lhes o sentimento de pertencimento que lhes faltava.³⁷

Uma imagem que é fundamental no discurso de Agostinho é aquela das duas cidades. Esta ideia desenvolvida na *Cidade de Deus*, de maneira resumida, diz que a cidade carnal, aquela onde os homens foram criados, pode renascer espiritualmente. Esta cidade poderia ser Roma, mas não existem afirmações dentro da obra. Tal cidade permanecerá através da graça de Deus. Se, no entanto, ela não permanecer, a cidade espiritual, a Jerusalém eterna estará sempre lá.³⁸ Assim escreve Agostinho:

No que se refere às grandes e difíceis questões sobre a origem do mundo, da alma e da linhagem humana, temos dividido (a cidade) em dois grupos: uma, a dos que vivem segundo o homem e outra a dos que vivem segundo Deus. Misticamente chamamos a estes dois grupos cidades, quer dizer sociedades dos homens. Das quais uma está predestinada a reinar eternamente com Deus e a outra a sofrer eterno castigo com o diabo...³⁹

Resumidamente, esta teoria está afirmando a perenidade da cidade terrestre, que pode perfeitamente ser comparada a Roma. Isso está de acordo com as informações sempre defendidas pelo bispo, de que as coisas terrenas um dia perecerão. De acordo com ele,

Roma pereceu? Não podemos afirmar; se ela pereceu, é normal: tudo que o homem construiu será destruído, mesmo o homem morre, a obra de Deus desaparecerá, já que o céu e a terra passarão.⁴⁰

Na *Cidade de Deus*, Agostinho afirma que Roma não foi destruída, mas sim castigada. Ele procura sempre minimizar tal fato. Uma ideia que lhe é cara e continua a exortar é que, se a maioria das pessoas conseguiu escapar enquanto a cidade estava sendo destruída, significa que, na verdade, a cidade foi salva.⁴¹ Tornando à sua argumentação já anteriormente apresentada, Roma é uma ideia e aquilo que verdadeiramente faz a cidade ser o que é são seus cidadãos.

³⁶ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 241.

³⁷ MARCONE, Arnaldo. *Il sacco di Roma del 410 nella riflessione di Agostino e di Orosio*. In *Rivista Storica Italiana*. Torino: Edizione Scientifiche Italiane. 2002, p. 855.

³⁸ PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 245.

³⁹ AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, XV, 1.

⁴⁰ Sermões 81 e 9; *Apud* PASCHOUD, F., *op. cit.*, p. 243.

⁴¹ *Ibidem*.

Uma teoria muito semelhante àquela defendida ainda no período da tetrarquia, que dizia ser Roma o lugar onde está o Imperador. Roma é, portanto, não um lugar físico, mas um conceito, um símbolo.

Mas em um ponto concordam os diversos pontos de vista acerca do mesmo fato. Todos sabem que Roma pode facilmente se recuperar. Agostinho assim nos faz entender quando procura minimizar as consequências deste fato, dizendo que o que ocorreu com Roma foi somente um castigo, não uma destruição. Assim fala Agostinho:

Certo é que o império romano tem sofrido ataques; mas não foi transformado; sofreu provações análogas noutros tempos e levantou-se delas. Não devemos, pois, desesperar. Pode ser que se torne a levantar das provações de hoje em dia. Quem conhece sobre esse ponto a vontade de Deus?⁴²

Conclusão

Durante o quarto século, o processo de cristianização foi muito mais lento e irregular de quanto se teria imaginado. É difícil dizer se o cristianismo teria se tornado a religião dominante sem o apoio imperial, mas a ideia deve ser pensada como extremamente dúbia. A intervenção imperial trouxe numerosos efeitos diretos, como o fim das perseguições e a atribuição de certos privilégios jurídicos e econômicos para a Igreja. Estes mudaram enormemente a sua posição no Império e permitiram que se desenvolvesse como uma instituição poderosa e rica. O favor imperial, além disso, deu aos cristãos e aos bispos em particular uma autoridade pública e um papel nos negócios políticos.⁴³

À luz das interpretações que estudamos, podemos, no entanto, encontrar várias congruências que independem da religião professada, mas são reflexos de seu tempo nas opiniões dos homens. Sabe-se que tanto pagãos quanto cristãos concordam que Roma poderia se recuperar do golpe sofrido. Embora o impacto desse golpe tenha sido visto de maneira diversa entre ambos, eles estão de acordo no que diz respeito às consequências do mesmo. Roma será capaz de se reerguer, como sempre fez em sua história. A força do mito de Roma sempre foi muito grande e ela parecia um ícone invencível, uma entidade feita para durar eternamente. Mesmo para os cristãos, que acreditavam na linearidade do tempo e assim acreditavam no fim iminente, Roma permaneceria e, quem sabe, transformar-se-ia na Cidade de Deus quando este momento chegasse. No entanto, não compartilham a gravidade

⁴² AGOSTINHO, *A cidade de Deus*, IV, 7.

⁴³ CAMERON, A. *Il tardo impero romano*. Bologna: Il Mulino, 1995, p. 100.

do acontecido que, para os pagãos, foi uma desgraça e uma ofensa irreparável, ao passo que, para os cristãos, foi um fato sem a importância devida para o modo como foi alardeado. Obviamente, porque não foi um golpe sofrido pela cristandade ou pelo seio de sua representação. Os pagãos se viram atingidos em sua honra, em seu símbolo mais caro e por isso se abalaram tanto com este evento.

A interpretação pagã, particularmente a visão do poeta Namaziano, pode ser entendida como um último esforço de dar vida a uma tradição já agonizante e que morria junto com o Império. Podemos imaginar que as perspectivas para o futuro, embora tendessem ao otimismo da recuperação de Roma, talvez não tivessem o mesmo otimismo para com as tradições romanas. Roma já não era mais sinônimo dessas tradições. Tinha se tornado tão somente uma cidade, que trazia em si uma memória que cada vez mais se perdia nas brumas do tempo. Namaziano está deixando seu amado Império para talvez nunca mais voltar.

Nesse sentido, podemos levar além a nossa reflexão, pensando este acontecimento como uma metáfora do paganismo que deixa Roma e dá lugar aos bárbaros e aos monges. Em contraponto ao desespero de nosso autor pagão, vemos a tranquilidade de nossos autores cristãos, cuja visão se aproxima muito de uma expressão de crescente força e um hino à vitória desta religião. É a tranquilidade do vencedor, que sabe não dever se preocupar com o adversário moribundo aos seus pés. É ainda a tranquilidade convicta de quem sabe estar defendendo uma doutrina que, a seus olhos, é a verdadeira.

Bibliografia

- AGOSTINHO, *A cidade de Deus*. São Paulo: Editora das Américas, 1961.
- ALFÖLDY, Géza. *Storia sociale dell'antica Roma*. Bologna: Il Mulino, 2008.
- AZZARA, Claudio. *Le invasioni barbariche*. Bologna: Il Mulino, 2000.
- BALDINI, Antonio. *Una versione pagana del sacco di Roma del 410 e una smentita Cristiana: considerazioni storiografiche*. In *Romani e Barbari: incontro e scontro di culture*. Torino: Celid, 2004. 84-104.
- BLOCH, Herbert. *La rinascita pagana in Occidente alla fine del secolo IV*. In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*. Torino: Einaudi, 1968. 201-224.
- BURGARELLA, Filippo. *Pagani e cristiani tra IV e V secolo a Costantinopoli*. In *Pagani e cristiani da Giuliano l'Apostata al sacco di Roma*. Messina: Rubbettino, 1995. 181-191.
- BROWN, Peter. *Authority and the sacred: Aspects of the Christianisation of the Roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Body and Society: Men, Women e Sexual renunciation in early Christianity*. New York: Columbia University Press, 2008.

- _____. *Il mondo tardo romano: da Marco Aurelio a Maometto*. Torino: Einaudi, 1974.
- CAMERON, Averil. *Il Tardo impero antico*. Bologna: Il Mulino, 1995.
- CONSOLINO, F. E. *Pagani, cristiani e produzione letteraria latina da Giuliano L'Apostata al sacco di Roma*. In *Pagani e cristiani da Giuliano L'Apostata al sacco di Roma*. Messina: Rubbettino, 1995. 311-325.
- FREDOUILLE, Jean-Claude. *Les sermons sur la chute de Rome*. In *Augustin Prédicateur (355-411)*. Paris: Institut d'Etudes Augustiniennes, 1996. 439-448.
- GIARDINA, Andrea. *L'uomo romano*. Bari: Laterza, 2008.
- GIBBON, Edward. *Declínio e queda do império Romano - Edição abreviada*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005.
- GERACI, Giovanni e MARCONE, Arnaldo. *Storia Romana*. Firenze: Le monnier, 2008.
- HALL, J. Barrie. *Pollentia, Verona, and the chronology of Alaric's first invasion of Italy*. In *Philologus* 132. Berlin, 1988. 245-257.
- JONES, A. H. M. *Lo sfondo sociale della lotta tra paganesimo e cristianesimo*. In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*. Einaudi, Torino. 1968. 23-43.
- KULIKOWSKI, Michael. *Rome's gothic wars from the third century to Alaric*. New York: Cambridge University press, 2007.
- MARCONE, Arnaldo. *Il sacco di Roma del 410 nella riflessione di Agostino e di Orosio*. In *Rivista storica italiana*. Anno CXIV - fascicolo III. Napoli: Edizioni Scientifiche italiane, 2002. 851-867.
- MARINO, Rosalia. *Alarico nella letteratura pagana e Cristiana*. In *PAN - Studi del dipartimento di civiltà euro-mediterranee*. 18-19. Palermo, 2001. 377-390.
- MARROU, Henri-Irénée, *Decadência romana ou antiguidade tardia*. Lisboa: Aster, 1979.
- MOMIGLIANO, Arnaldo e SCHIANONE, Aldo (Direzione). *Storia di Roma v. III – L'età tardo antica*. Torino : G. Einaudi, 1988.
- MOMIGLIANO, A. *La caduta senza rumore di um impero nel 476 DC*. In *Sesto contributo alla storia degli studi classici del mondo antico*. Tomo primo. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura. 1980.
- _____. *Il cristianesimo e la decadenza dell'Impero romano*, In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*. Torino: Einaudi, 1968. 5-19.
- _____. *Storiografia pagana e cristiana nel secolo IV dC*. In *Il conflitto tra paganesimo e cristianesimo nel secolo IV*. Torino: Einaudi, 1968. 1968. 91-110.
- NAMAZIANO, Rutilio, *Il Ritorno*. Torino: Einaudi, 1992.
- PASCHOUD, François. *Roma Aeterna - Études sur le patriotisme romain dans l'Occident latin à l'époque des invasions*. "Bibliotheca Helvetica Romana" 7, Institut Suisse de Rome, 1967.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe, *História da Idade Média - Textos e testemunhas*. São Paulo: Unesp, 2000.
- REZENDE, Antônio Martinez de e BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do Latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- SIVAN, Maria Cesa-Hagith. *Alarico in Italia: Pollenza e Verona*. In *Historia – Zeitschrift für alte geschichte*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1990. 361-374.
- GUERRAS, Maria Sonsoles. *Roma e o mundo romano durante as invasões na visão de dois historiadores hispanos contemporâneos*. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- TEJA, R. *Victores victi sumus: Fe y religión en la polemica sobre la batalla de Pollenzo*. In *Romani e Barbari: incontro e scontro di culture*. Torino: Celid, 2004. 73-78.
- VEYNE, Paul. *La società romana*. Bari: Laterza, 2004.
- _____. *La prise de Rome par Alaric*. In *Metis I*. Daedalus: Paris, 2003. 201-218.